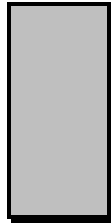


Fontes e
Arquivos

O ZOOM NOS DOCUMENTOS MUSICAIS DA COMPANHIA CINEMATOGRAFICA *VERA CRUZ*

Cintia Campolina de Onofre*

Desde de 2001, desenvolvo o trabalho de mestrado intitulado “O *zoom* nas trilhas da Vera Cruz” que tem como objetivo principal traçar o perfil das trilhas musicais dos filmes da Companhia Cinematográfica Vera Cruz. Para isso, utilizo como metodologia de trabalho, além de uma bibliografia que aborde o assunto, uma pesquisa de campo e hemerográfica; a linguagem cinematográfica associada à teoria musical com o intuito principal de captar detalhes importantes através da análise das trilhas musicais inseridas nestes filmes.

A Companhia Cinematográfica Vera Cruz foi fundada em 4 de novembro de 1949, pelo empresário Franco Zampari, em São Bernardo do Campo, São Paulo.¹ Esta surgiu em um momento de intensa atividade cultural na cidade de São Paulo, cujo cenário vigente era o da fundação do importante MAM, Museu de Arte Moderna, do aparecimento do TBC (Teatro Brasileiro de Comédia), da multiplicação de salas de concerto e

* Doutora em História pela Universidade Estadual de Campinas. Professora do Departamento de História da Universidade Federal Fluminense.

¹ GALVÃO, Maria Rita. *Burguesia e cinema – o caso Vera Cruz*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981 p. 20

HISTÓRIA SOCIAL	Campinas - SP	Nº 11	261-266	2005
-----------------	---------------	-------	---------	------

exposições de arte.² Nesse período, o cinema brasileiro obteve mudanças técnicas bastante significativas, pois Zampari investiu muito capital com o propósito de comprar equipamentos especializados para cinema e contratar pessoas estrangeiras que contribuíssem para produção de filmes de alta qualidade. No entanto, essas contratações e melhorias técnicas dos filmes da Vera Cruz foram criticadas. Muitos acreditavam que a contratação de técnicos estrangeiros não revelaria a realidade do povo brasileiro e que a técnica retiraria dos realizadores a criatividade. Com isso, a Companhia tornou-se alvo de muitos críticos que lhe atribuíram “*um tom de artificialismo e impostação ao se tratar da realidade brasileira*”.³

Entretanto, se muitas críticas foram desfavoráveis à Vera Cruz, não se pode tirar seu mérito quanto a uma das mais completas tentativas de estabelecimento industrial do cinema brasileiro. Com a melhoria técnica, implantada pela Vera Cruz, houve uma sensível evolução no tratamento sonoro dado às obras cinematográficas, assim como à música para cinema. Observa-se a utilização de orquestras completas, maestros, compositores e músicos brasileiros respeitáveis da época. Esses profissionais – e aqui cito Radamés Gnattali, Francisco Mignone, Guerra Peixe, Gabriel Migliori - tinham uma larga experiência com o rádio e prestavam sua contribuição musical ao cinema. Em sua totalidade a Vera Cruz produziu dezoito filmes de ficção e três documentários, no período compreendido de 1950 a 1954.⁴

² CATANI, Afrânio Mendes in RAMOS, Fernão. *História do cinema brasileiro*. São Paulo: Art, 1987. p. 197 e GALVÃO, Op. Cit. p. 21

³ Idem Ibidem, p. 231.

⁴ MENDES, Ricardo. In: RAMOS, Op. Cit. p. 458

Documentos importantes encontrados

A primeira etapa foi localizar todos os filmes da Companhia Vera Cruz, material que é base desta pesquisa. Nesta fase, percebi que as locadoras possuem somente os filmes mais conhecidos e comercializados da produtora. Após um levantamento minucioso, encontrei todos os filmes da Vera Cruz em vídeo nos acervos da TV Cultura e do MIS- SP (Museu da Imagem e do Som de São Paulo). Para se obter uma cópia dos filmes foi necessário a autorização de Wilfred Khoury, detentor dos direitos autorais. Na verdade, tais direitos pertencem ao importante cineasta brasileiro Walter Hugo Khoury. Após seu falecimento, no ano passado, seu filho ficou responsável pelos direitos da utilização dos filmes. A autorização se faz de acordo com a natureza do trabalho, o pesquisador é responsável pelo contato com Khoury e posteriormente os acervos, MIS e TV Cultura, autorizam a cópia.

No caso das partituras das trilhas musicais dos filmes, o trabalho é mais exaustivo. Com a pesquisa já realizada em 14 arquivos do estado de São Paulo e Rio de Janeiro, pouco material foi encontrado. Na década de 40 e início de 50, os compositores para música de cinema também atuavam como maestros nas orquestras de rádio e escreviam uma vasta quantidade de arranjos musicais, devido ao elevado número de anúncios e programas de auditório nas estações radiofônicas. Entretanto, as partituras orquestrais não eram devidamente guardadas e com o tempo se perderam.

Em entrevista⁵ com Máximo Barro - diretor, produtor e assistente de produção em algumas companhias de cinema das décadas de 1950 e 1960 – informei-me de que no final da década de 1970, Máximo foi visi-

⁵ Entrevista realizada em 17/03/ 2004, na Fundação Armando Álvares Penteado, FAAP em São Paulo.

tar a viúva do senhor Gabriel Migliori,⁶ importante maestro, arranjador, regente e instrumentista paulistano, falecido em 1975. Na ocasião, a viúva não sabia como lidar com o material que o marido deixara e indagou a Máximo se ele não gostaria de ter uma lembrança do maestro, com a promessa de que cuidaria do material que ganhara. Máximo, a princípio recusou, entretanto resolveu aceitar porque a senhora lhe disse que se não quisesse o material, provavelmente as partituras do marido se perderiam, afirmando que “na família não existia mais nenhum músico”. Com o valioso material em punho, Máximo decidiu doá-lo ao MIS- SP.

A partir desta informação, em abril de 2004, aproximadamente trinta anos depois, estive no museu para estudar esse material. Contudo, neste local, não havia nenhum registro de que os manuscritos estivessem lá. Mencionei que obtivera a informação diretamente do doador do material e a bibliotecária se lembrou de um móvel antigo que estava no pavimento inferior do prédio, em uma sala de depósito. Após uma tarde de procura neste local, encontramos os manuscritos, embalados em envelopes de papel pardo, rasgados e sem conservação adequada. Imediatamente, relatei a importância daqueles documentos e sua remoção foi providenciada à biblioteca do MIS, para tombamento e disponibilidade ao público. Apesar de 50 anos passados, felizmente as partituras encontram-se em bom estado, estão escritas em folhas pautadas espessas, sem rasuras e legíveis, portanto possíveis de serem manuseadas. Trata-se de manuscritos das partituras para orquestra dos filmes *O Cangaceiro*⁷ e *Família lero-lero*, ambos de 1953 e ainda, *Candinho* estrelado por Mazaropi,

⁶ Migliori foi o principal maestro e diretor da orquestra da Rádio Record e da TV Record, de São Paulo, além de atuar como compositor de trilhas musicais em cerca de 22 filmes brasileiros.

⁷ Vale ressaltar que o filme *O Cangaceiro*, de Lima Barreto obteve o prêmio de melhor filme de aventuras no festival de Cannes e recebeu no mesmo festival, menção honrosa por sua música.

em 1954. Juntamente com esses manuscritos, também foi disponibilizado o material com cerca de 50 partituras editadas na época, encontradas no mesmo móvel do depósito do MIS-SP.

Outro documento importante foi encontrado na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro. Trata-se da partitura orquestral manuscrita do filme *Ângela*, terceiro filme produzido pela Companhia Vera Cruz, em 1951. O manuscrito é uma composição do maestro e pianista Francisco Mignone, nascido em São Paulo em 1897 e falecido em 1986, criador das Valsas de Esquina e um dos mais prolíficos compositores brasileiros reconhecido internacionalmente. O manuscrito está devidamente embalado em pastas de arquivo, catalogado e disponibilizado para consulta. Outros documentos musicais, cartas, partituras e livros de Francisco Mignone foram doados ao IEB (Instituto de Estudos Brasileiros), na USP. Igualmente, todos estes materiais estão disponíveis neste local para pesquisas.

A relação de Francisco Mignone com o cinema brasileiro foi muito significativa. O compositor participou como pianista executando composições ao vivo em salas de cinema. Participou como ator do filme *Bonequinha de Seda* em 1936, compôs trilhas sonoras para: Vera Cruz (1950, 1951 e 1953), Cinédia⁸ (1936 e 1938), Multifilmes⁹ (1952 e 1953) e por fim, foi homenageado com um filme autobiográfico em 1978. Constam em sua filmografia cerca de 14 filmes de longa metragem. Todavia, Francisco Mignone é pouco conhecido por suas participações no cinema, e por mais essa razão, considero valioso esse documento existente na Biblioteca Nacional.

⁸ A Cinédia foi fundada em 1930, pelo importante cineasta Adhemar Gonzada no Rio de Janeiro.

⁹ A companhia de cinema Multifilmes atuou em São Paulo nos anos de 1952 a 1954.

Além de raros - pois no caso de partituras orquestrais para cinema desse período não existe quase documentação - os documentos musicais manuscritos encontrados são de extrema importância porque a partir deles é possível verificar com maior exatidão, como os compositores das trilhas musicais desses filmes procediam. Para efetuar a análise, pode-se assistir às cenas musicadas dos filmes, ouvir o áudio e acompanhar na partitura o modo de orquestração utilizado. É possível também, entender as características estéticas da época e assim verificar de que forma o modo de composição para música de cinema desse período esteve inserido no contexto cinematográfico brasileiro. Esses documentos traduzem a história da música orquestral brasileira no período da década de 50, elaborada por importantes compositores brasileiros.

Referências Bibliográficas

CARRASCO, Claudiney Rodrigues. *Trilha musical: música e articulação fílmica*. São Paulo: Escola de Comunicações e Artes - ECA, USP, 1993. (Dissertação de Mestrado).

_____. *Syngkronos - A formação da poética musical do cinema*. São Paulo: Via Lettera, 2003.

GALVÃO, Maria Rita. *Burguesia e cinema - o caso Vera Cruz*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

RAMOS, Fernão. *História do cinema brasileiro*. São Paulo: Art, 1987.

VIANY, Alex. *Introdução ao cinema brasileiro*. Rio de Janeiro: Revan, 1993.